

REVOLUÇÃO SOCIAL E REVOLUÇÃO DA VIDA PRIVADA

Lucas Cid GIGANTE¹

Recentemente publicado no Brasil, Sobre o Suicídio nasceu como um ensaio de memórias de Jacques Peuchet (1758-1830) intitulado “*Du suicide et des ses causes*”. Peuchet foi diretor dos arquivos da polícia sob a Restauração e se posicionou como observador e sistematizador dos autos policiais franceses, o que lhe destacou a atenção pelos inúmeros casos de suicídio. O ensaio original foi composto a partir de relatos de casos de suicídio em Paris, no período de 1817 a 1824, seguido por comentários de Peuchet e encerrado com algumas estatísticas. Karl Marx tomou interesse pelo assunto e traduziu o manuscrito para o alemão complementando-o com apontamentos, destacados nesta edição em itálico, e com acréscimos, destacados nesta edição em negrito. A publicação com a assinatura de Marx vem com o título “*Peuchet: vom Selbstmord*”, tendo sido impressa no “*Gesellschaftsspiegel*”, Órgão de Representação das Classes Populares Despossuídas e de Análise da Situação Social Atual, em 1846. A partir de então, trata-se de um ensaio de dupla autoria.

De início, o que chama a atenção é a seleção dos casos de suicídio. O recorte não é arbitrário e a composição argumentativa converge para um mesmo eixo de motivação. Do contrário, o leque de suicídios poderia ser amplo, diverso e desconcertante: sociologicamente, em situações de pobreza e destituição dos meios de vida geradores de conflitos, lutas sociais e desespero; em situações de engajamento em causas cuja linha de ação destitui a importância da própria vida levando o sujeito ao aniquilamento pela causa, seja ela qual for. No nível da vida privada e em sua dimensão afetiva, todo tipo de desilusão motivada por problemas amorosos e de amizades, desgostos com a vida, decepções, frustrações, doenças e todo leque de sofrimentos. Enfim, um repertório de subjetividades que poderia ser, em princípio, muito complexo.

Sendo assim, possivelmente para evitar um possível descontrole e certamente como alvo de crítica social, Peuchet e Marx fixam atenção num leque muito restrito de motivação ao suicídio, qual seja: os males da vida privada alicerçada numa moral tipicamente patriarcal, tradicionalista e, se quisermos, conservadora. O que ganha

¹ Mestrando em Sociologia. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de ciências e Letras. Departamento de Sociologia. Programa de Pós-graduação em Sociologia. Araraquara – SP – Brasil. 14.800-901- lucascidgigante@hotmail.com

destaque são os casos de suicídio de mulheres postas sob situações de coação da vida privada, como o da filha de um alfaiate que retorna no começo da manhã de um encontro com seu noivo e sofre todo tipo de castigo e censura moral por parte de seus pais, envolve-se numa atmosfera de vociferação e insultos que a lançam em desespero e ao desenlace fatal. Analogamente, o caso do Sr. Von M, enfermo, que coloca sua esposa num ambiente doméstico aprisionador, sufocante e temperado com crises de ciúme e desconfiança, o que acaba em o desgosto e suicídio da esposa. Estes relatos são acompanhados de comentários que argumentam no sentido de denunciar o caráter de uma moral patriarcal presente na vida privada, moral que gira em torno de práticas de censura e de castigos como forma de introjetar, sobretudo, o sentimento de vergonha e de desonra. Torna-se surpreendente o relato do caso de uma gravidez indesejada que, caso descoberta, daria luz a um escândalo em face da família. Termina numa tentativa de aborto frustrada, seguida pelo suicídio.

A argumentação crítica que acompanha o relato ressalta um jogo entre os sentimentos de vergonha e perdão, desonra e escândalos subseqüentes, e denuncia a dimensão orientada religiosamente a partir de um catolicismo conservador presente na instituição do matrimônio, que opera uma dicotomia entre os elementos consciência de culpa e perdão, honra e vergonha, que são dicotomias de repressão aplicadas à mulher. Nos casos a que nos referimos, é desta construção sentimental mediante este tipo de socialização que emergem os atos desesperados que se encerram em suicídio. Estes casos são, portanto, uma denúncia à repressão e opressão das mulheres por parte de um tipo de persistência da tradição e do conservadorismo, alimentados religiosamente e registrados institucionalmente, que afloram na vida privada e que não foram atingidos historicamente pelas ondas revolucionárias francesas. Atente-se a época, que é o primeiro quarto do século XIX.

A abordagem de Peuchet endossada por Marx significa um protesto contra o patriarcado e a natureza opressiva da família burguesa, como afirma Michael Löwy no prefácio. Contribui para esta discussão, no entanto, sem o exagero de poder ser considerada como uma das mais “poderosas peças de acusação à opressão contra as mulheres já publicadas” (MARX, 2006, p.18). Esta ênfase de Löwy retira a contribuição maior do ensaio, que é pensar a Revolução em suas múltiplas camadas e em seu jogo descontínuo de ruptura e permanência. Uma das passagens mais importantes de Peuchet/Marx afirma que “[...] a revolução não derrubou todas as tiranias; os males que reprovavam nos poderes despóticos subsistem nas famílias; nelas elas provocam crises análogas àquelas das revoluções.” (MARX, 2006, p.28-29). Ou seja, a revolução não revolucionou todas as esferas do social, certamente não a familiar, o que se conclui a partir da leitura do ensaio. Existe uma defasagem entre a revolução social e a revolução da vida privada? A resposta é sim. Neste ensaio Marx parece se direcionar para o fato social para lapidar seu conceito de Revolução,

sobretudo para diferenciar revolução social de revolução da vida privada. Esta nos parece ser sua maior contribuição. O pensamento implícito toma a Revolução em termos de suas ondas de choque, causadora de rupturas drásticas na ordem econômica e política, sendo que esta onda revolucionária não englobou, na história francesa, o nível da vida privada. É um jogo dialético de ruptura e permanência na história francesa, sobretudo daquilo que a Revolução não derrubou.

Quanto a isso, o destaque mais interessante é que este jogo descontínuo de ruptura e permanência na história francesa, nesta resistência da tradição no *locus* familiar, nos coloca a complexidade do cenário concreto da história. Sendo assim, Sobre o Suicídio nos remete para a “longa duração” de Braudel (1990), que ao contrário da duração mais curta do mundo econômico e político, mais dinâmicos por sua frequência acelerada, insere a mentalidade como uma prisão de longa duração. O patriarcalismo e a moral são também mentalidade. Seu ritmo de rupturas é mais lento, sendo o *locus* de persistência de tradições, sobretudo quando orientada religiosamente e reveladas na vida privada, este lado da existência social mais silencioso e sigiloso, esta prisão de longa duração.

MARX, K. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

Referências

BRAUDEL, F. **História e ciências sociais**. Lisboa: Editorial Presença, 1990.